

**O TRABALHO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DE FLORES EM SÃO
BENEDITO, CEARÁ.****THE WORK OF WOMEN IN THE PRODUCTION OF FLOWERS IN SÃO
BENEDITO, CEARÁ.****EL TRABAJO DE LAS MUJERES EN LA PRODUCCIÓN DE FLORES EN SÃO
BENEDITO, CEARÁ.**

Marília de Araújo Fontenele¹
Aldiva Sales Diniz²

RESUMO

A presença feminina no mercado de trabalho reafirmou a capacidade das mulheres em se dedicar a quaisquer atividades proposta a elas com honradez e compromisso. Contudo é sabido que a luta pela valorização do trabalho feminino não foi e nem é fácil, falta democracia, justiça e reconhecimento a essas mulheres. A mão de obra feminina, embora inserida em todos os setores da economia ainda é desvalorizada em relação aos mesmos trabalhos realizados por homens em muitos lugares do mundo, estes desenvolvem as mesmas funções e chegam a ganhar mais que as mulheres. Estudamos a produção de flores no município de São Benedito na Serra da Ibiapaba como um modelo dos novos investimentos do estado Cearense e buscamos entender o trabalho das mulheres no setor que vem gerando uma economia local e destacando o município de São Benedito no Ceará como um dos maiores polos de produção de flores do Brasil. Para tal entendimento recorreremos ao uso da história oral para através do contato com o entrevistado recolher mais informações sobre a temática.

Palavras-chave: Trabalho feminino; História oral; Agronegócio.

ABSTRACT

The female presence in the labor market reaffirmed the capacity of women to engage in any activities proposed to them with honesty and commitment. However it is known that the struggle for the valorization of women's work was not and is not easy, lack democracy, justice and recognition to these women. Women's workforce, although embedded in all sectors of the economy, is still undervalued compared to the same jobs done by men in many parts of the world, they perform the same functions and earn more than women. We studied flower production in the municipality of São Benedito in the Serra da Ibiapaba as a model of the new investments of the state of Ceará and sought to understand the work of women in the sector that has been generating a local economy and highlighting the municipality of São Benedito in Ceará as one of the major poles of flower production in Brazil. For this understanding we used the oral history to contact the interviewee to gather more information about the subject.

Keywords: Female work; Oral history; Agribusiness.

¹ Mestranda em Geografia no Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – Sobral/CE. E-mail: [mariliafontenele2015@gmail.com]

² Doutora em Geografia Humana, pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta do curso de Geografia, e do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA) – Sobral/CE. E-mail [aldivadiniz@gmail.com]



RESUMEN

La presencia femenina en el mercado de trabajo reafirmó la capacidad de las mujeres para dedicarse a cualquier actividad propuesta a ellas con honradez y compromiso. Sin embargo, es sabido que la lucha por la valorización del trabajo femenino no fue ni fácil, falta democracia, justicia y reconocimiento a esas mujeres. La mano de obra femenina, aunque inserta en todos los sectores de la economía todavía es desvalorizada en relación a los mismos trabajos realizados por hombres en muchos lugares del mundo, éstos desarrollan las mismas funciones y llegan a ganar más que las mujeres. Estudiamos la producción de flores en el municipio de São Benedito en la Serra da Ibiapaba como un modelo de las nuevas inversiones del estado Cearense y buscamos entender el trabajo de las mujeres en el sector que viene generando una economía local y destacando el municipio de São Benedito en Ceará como uno de los mayores polos de producción de flores de Brasil. Para tal entendimiento recurrimos al uso de la historia oral a través del contacto con el entrevistado recoger más informaciones sobre la temática.

Palabras clave: Trabajo femenino; Historia oral; Agroindustria.

INTRODUÇÃO

A emancipação feminina por se constituir numa mudança paradigmática, cultural e familiar, que levou a mulher a superar sua condição de submissão, expressa até o início do século XX, e se inserir no mercado de trabalho, é um dos elementos do modelo econômico moderno que exige que, cada vez mais cedo, as pessoas se lancem no mundo do trabalho e possam contribuir com o sustento familiar, sejam elas de quaisquer gêneros, jovens ou idosas, morem em zonas urbanas ou rurais, nas capitais ou no interior do País. Neves (2013) aponta que a presença feminina no mercado de trabalho é caracterizada por continuidades e mudanças. E ainda diz que a atividade fora de casa a partir de 1980 se tornou tão importante quanto à maternidade confirmando assim o valor das atividades ocupacionais desenvolvidas pelas mulheres no setor de serviços.

Atualmente, podemos observar cada vez mais as mulheres desempenhando funções no mercado de trabalho antes majoritariamente realizadas por indivíduos do sexo masculino. O processo de “quebra” de barreiras sexistas no mercado trabalho vem se tornando realidade, apesar de ainda haver em nossa sociedade uma desigualdade acentuada nessa questão.

Um exemplo desta realidade surgiu com a instalação de grandes empresas na Ibiapaba e a geração de emprego para a população rural que não tinha meios técnicos para produzir renda sozinha e buscava oportunidades para trabalhar em algum pequeno empreendimento local, ou a migração para outras regiões do país ou mesmo de outras nações que necessitavam da contratação da mão de obra disponível.

Uma das oportunidades surgidas na Serra da Ibiapaba foi a instalação de empresas do ramo florístico-vegetal em alguns municípios da microrregião, que trouxe, além do



desenvolvimento econômico, empregos e novas perspectivas para jovens agricultores e cidadãos, como para as mulheres, foco de nosso estudo.

O grupo Reijers, dono de grandes fazendas de floricultura no município Ibiapabano de São Benedito, onde emprega grande e expressivo número de mulheres, é considerado o maior grupo empresarial do setor florístico, com grande reconhecimento nacional e internacional. A empresa tem conseguido expressivo crescimento e chama a atenção para um novo ramo econômico no estado do Ceará através do cultivo e venda de flores e plantas ornamentais, em decorrência das condições climáticas favoráveis encontradas no local.

Portanto, buscando compreender a importância do trabalho da mulher na sociedade atual e sua contribuição para economia e sabendo que a presença feminina adentrou em todos os setores, algo que tem se tornando cada vez mais comum na construção do mundo globalizado, recorreremos ao uso da história oral como um meio metodológico para entender o uso e a exploração da mão de obra feminina contratada pela empresa Reijers de São Benedito.

Para a realização de tal pesquisa procuramos buscar, em campo, algo diverso de nossas afirmações e preconceitos sobre o tema, razão porque a história oral foi de grande importância, haja vista que é uma metodologia que oferece meios de conhecer a realidade a partir dos atores sociais e suas experiências pessoais que são nosso objeto do estudo.

O mecanismo de análise e compreensão existente na história oral nos leva a uma visão que vai além das falas e registros adquiridos. Por meio dela o pesquisador se depara com conteúdos novos e respostas subentendidas que posteriormente darão um novo direcionamento a pesquisa.

Vê-se que as memórias coletivas impostas e descendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. (Pollak, 1989, p. 9)

Utilizando a história oral é possível adentrar na realidade das mulheres que trabalham na produção de flores e, a partir dos relatos de suas memórias ou mesmo da de seus silêncios, compreender sua participação no crescimento do setor de floricultura e como se sentem em seus ambientes de trabalho. Destacamos que as entrevistadas, apesar de nossa insistência, não se disponibilizaram a detalhar seus sentimentos e aptidões, apesar disso, ainda pode-se avaliar a real condição de trabalho e contribuição dessas mulheres.

Portanto, diante do exposto até aqui, ressaltamos que esse artigo foi desenvolvido tendo como base um projeto dissertativo produzido na disciplina de Espaço, Cultura e



Interdisciplinaridade, do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA) – Sobral/CE, trazendo resultados preliminares.

A FLORICULTURA NO ESPAÇO CEARENSE COMO NOVO MODELO DE EMPREENDEDIMENTO

A floricultura é considerada uma atividade que desenvolve a produção de plantas ornamentais e flores. Conforme Costa e Santos (2016) os produtos associados tratam-se de: flores temperadas, principalmente rosas, flores tropicais, folhagens, bulbos e plantas ornamentais que são usadas preferencialmente por donos de floriculturas e empresários da ornamentação de espaços. O Ceará tem se mostrado um campo propício ao desenvolvimento regional desse investimento, com isso tem proporcionado um reconhecimento nacional e internacional a produção desenvolvida no estado.

Na Serra da Ibiapaba as atividades desse setor ainda não eram destinadas ao comércio em larga escala, mas somente ao comércio local, o município de São Benedito cujos solos e as condições climáticas cooperaram para o desenvolvimento da atividade tornou-se uma referência nacional e internacional no ramo florístico. O referido município é um dos maiores produtores de flores do Brasil e tem ofertado inúmeras vagas de trabalho na região, empregando cerca de 430 trabalhadores, sendo em sua maioria, do sexo feminino.

Figura 1: Estufa para o cultivo de flores, em São Benedito (CE).



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

O governo do Estado do Ceará decidiu investir e atrair investidores, aproveitando o potencial natural do solo para a produção de flores visando o mercado externo. Para tal objetivo, foi contratada mão de obra especializada através da vinda dos técnicos estrangeiros, que



realizaram estudos no local e contribuíram para a instalação das empresas floristas vindas do Sul e do Sudeste do país. Foi de grande valia a possibilidade de iluminação e a utilização de grandes e pequenos espaços dentre eles alguns que antes eram tidos como improdutivos a determinadas lavouras e que, a partir da inserção das flores ganharam novas configurações espaciais.

Na década de 1990, empresas como a CeaRosa e a Reijers, criaram seus mercados exportadores o que as mantém até hoje como pioneiras na produção local. Nesse mesmo período no Ceará, Costa e Santos (2016) ainda citam que foram indicados a Ibiapaba, o Maciço do Baturité, Cariri, Vale do Curu e Aracatiaçu, dentre as áreas apontadas pelos estudos para a produção de flores no estado. Apesar da distância da Ibiapaba ser maior em relação à capital, a região foi eleita como mais apta, devido aos terrenos mais planos, bem como os fatores geográficos ligados a iluminação o ano inteiro favorecendo o calor durante o dia e o frio as noites. Foi importante também o fato do local não dispor de riscos de geadas ou granizo que viesse causar a perda da plantação.

Nesse contexto do desenvolvimento dos municípios cearense e de sua inserção e crescimento na economia percebemos o quanto o agronegócio tem crescido no estado e adentrado as mais diversificadas realidades do interior.

O agronegócio-latifundiário-exportador tem sido considerado como símbolo da modernidade no campo, mas esconde por trás da aparência moderna, a barbárie da exclusão social e expropriação dos povos do campo que sua concentração de terra e de renda provoca. (CAMACHO, 2009, p. 2).

Baseados em Camacho (2009) é possível ver o quanto as políticas voltadas ao modelo do agronegócio são maléficis ao crescimento dos agricultores, que localizados nos pequenos municípios retiram da terra, seus empregos e seu sustendo e de suas famílias. Quando analisamos criticamente que os investimentos do governo do Estado se voltam à produção de flores, é pertinente fazermos os seguintes questionamentos: porque em um estado que possui dificuldades econômicas, onde a maioria dos municípios passa por problemas socioeconômicos, onde a desigualdade social é alarmante, onde a necessidade da produção de alimentos é urgente, as propostas políticas econômicas e de incentivo ao desenvolvimento se voltam para dar auxílio aos grandes empresários do agronegócio? Tais benefícios tendem a negar o apoio aos milhares de nordestinos e pequenos proprietários que esperam nas políticas governamentais, incentivos para suas produções.

O fato de que o espaço seja chamado a ter cada vez mais um conteúdo em ciência e técnica traz consigo um grande acervo de consequências, a primeira



das quais, certamente, é uma nova composição orgânica do espaço, pela incorporação mais ampla de capital constante na instrumentalização do espaço (instrumentos de produção, sementes selecionadas, fertilizantes, pesticidas, etc.) ao mesmo tempo em que se dão novas exigências quanto ao capital variável indispensável. Como consequência das novas condições trazidas pelo uso da ciência e da técnica na transformação do território, há menos emprego ligado à produção material e uma maior expressão do assalariado em formas diversas (segundo os países e segundo regiões em cada país), uma necessidade maior de capital adiantado, o que vai explicar a enorme expansão do sistema bancário. (Santos 2013, p.66)

Assim acontece na rica Ibiapaba que conta com uma produção de frutas e hortaliças capaz de abastecer várias cidades do Ceará, além de populações de muitos municípios de estados como Piauí e do Maranhão, que também tem suas cidades beneficiadas por meio da agricultura desenvolvida na região. Cada vez que esse modelo econômico de produção capitalista adentra as pequenas realidades, há uma mudança na forma natural das comunidades se organizarem e produzirem seus alimentos.

Esses modelos são responsáveis pela inserção de sementes transgênicas, além dos pesticidas e fertilizantes que movimentam o capital e enriquecem os países que os fabricam. Mesmo com todo esse potencial produtor oferecido pela Serra da Ibiapaba, ainda parece ser mais viável ao governo investir no agronegócio e não nas pequenas propriedades rurais que movimentam a economia local.

Esse modelo comandado pela agricultura capitalista tem expulsado o campesinato, territorializando grandes proprietários fundiários e empresas rurais orientadas para a produção de monoculturas destinadas a exportação em oposição à demanda por alimentos. Destarte, a miséria, pobreza, violência, expulsão dos camponeses do campo, degradação ambiental e o fim da diversidade agrícola são consequências do agronegócio. É preciso destacar ainda que este modelo nega a gravidade da concentração da terra e ignora a manutenção do rentismo fundiário. (Ross, 2012, p. 4)

A floricultura é considerada de alto valor comercial embora seu curto ciclo de produção leve a um rápido retorno financeiro, conforme Terra (2013) esse ramo tem um alto custo dos produtos se comparados a outros produtos como frutas, hortaliças e legumes, esse fato já exclui os pequenos proprietários que não possuem dinheiro de competir no mesmo ramo. Cabe ao Estado, investir nessas práticas que, ao invés de beneficiar o pequeno e médio agricultor da Ibiapaba que é responsável por produzir e abastecer várias cidades do Ceará e algumas cidades do Maranhão e do Piauí, através da Ceasa de Tianguá – focam apenas nos incentivos às grandes empresas do ramo.

**A IBIAPABA COMO PONTO DE ESCOLHA PARA A IMPLANTAÇÃO DE NOVOS NEGÓCIOS**

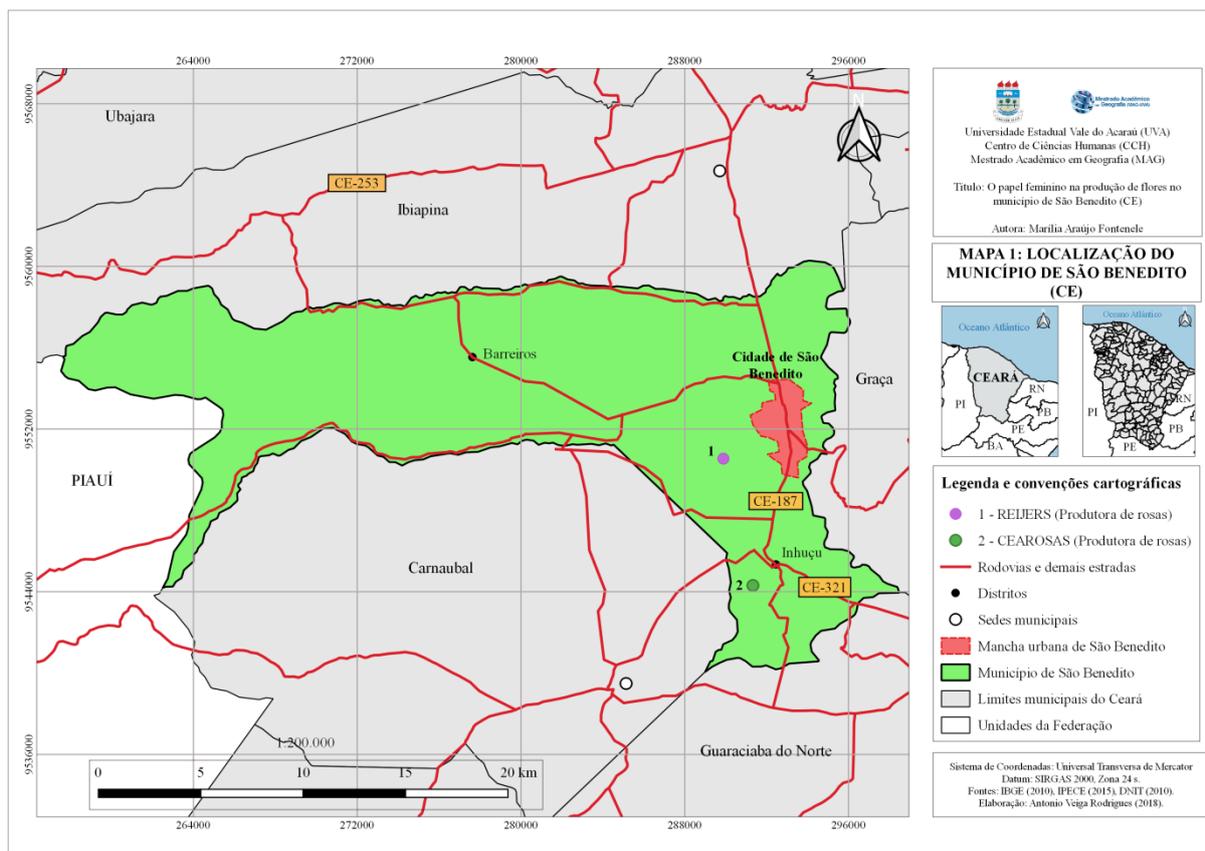
A Cuesta da Ibiapaba, também conhecida como Serra Grande ou Serra da Ibiapaba, está localizada na mesorregião do Noroeste do Ceará, na divisa com o estado do Piauí. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), a chapada da Ibiapaba conta com uma população superior a 335 mil habitantes, distribuída em oito municípios: São Benedito, Guaraciaba do Norte, Carnaubal, Croatá, Ubajara, Ibiapina, Viçosa do Ceará e Tianguá. Juntos, tais municípios fazem da Ibiapaba uma referência na produção de hortaliças e verduras.

Nesse cenário onde o agronegócio obtém crescimentos consideráveis, trazemos como enfoque importante e questionador, a forte e crescente presença das empresas vindas de outros estados do país para o cultivo de flores na região Ibiapabana. A vinda desses produtores de destaque nacional, não está ligada ao local de instalação, mas sim a produção, e consequentemente aos lucros, que este município pode oferecer aos investidores. Isso se mostra como um fator preocupante inicialmente, porque muitos desses empreendimentos não possuem nenhum vínculo com o lugar, desse modo se a produção não corresponder futuramente às expectativas de seus donos, essas empresas podem migrar deixando no local grande lacuna para a mão de obra empregada nesse setor.

O município referente ao nosso objeto de estudo desta pesquisa, se trata de São Benedito (Imagem 2) que apresenta uma área de 338,149 km², distante cerca 360 km da capital cearense, Fortaleza. Com uma altitude de 903 metros, apresenta como principais vegetações o carrasco e a Floresta Sub-perenifólia Tropical Plúvio-Nebular e possui no comércio e serviços (79,64%) e na agropecuária (14,56%) suas principais fontes de renda (IPECE, 2017). Em relação à economia, São Benedito se destaca na produção de rosas, tendo um dos maiores polos do mundo nesse setor vem crescendo significativamente, gerando uma nova configuração no espaço regional.

As exportações das flores alcançam vários estados do Brasil e até outros países como a Holanda que segundo Rocha (2006) esse país continua como destino principal dos produtos da floricultura brasileira que vendem os produtos em suas feiras locais. Ademais, em virtude de suas baixas temperaturas, o município é hoje o maior produtor de morango do Ceará fatores como esses, encaixam a Ibiapaba num amplo e novo ciclo econômico de grande importância para a economia do estado.

Figura 2. Mapa de localização do município de São Benedito (CE) e das empresas produtoras de flores.



Fonte: IBGE (2010;2017); IPECE (2015); DNIT (2016).
Elaboração cartográfica: Antonio Veiga Rodrigues (2018)

O grupo Reijers³ (Imagem 1) lidera a produção de flores e plantas ornamentais na Ibiapaba, sendo que não conseguindo cumprir com a demanda de compras do mercado, em alguns casos, a empresa recorre a alguns pequenos produtores locais que, não tendo destino de venda de seus produtos acharam no negócio de repasse de seus produtos, uma oportunidade certa de destinar as flores produzidas em suas pequenas propriedades e ganhar algum lucro para sua sobrevivência.

Como podemos ver pelo mapa de localização de São Benedito, as fazendas de onde são produzidas as flores de diversos tipos estão localizadas na zona rural do município, sendo que a fazenda da Reijers no município fica próximo à sede municipal.

Atualmente, a Reijers é a empresa que mais emprega mulheres em seus serviços no campo tornando assim a participação da classe trabalhadora responsável por quase todo o trabalho de preparação que envolve a seleção e embalagem das flores até sua ida para as

³ De acordo com o site oficial do Grupo Reijers, a empresa é formada por onze fazendas independentes de produção de flores e hortaliças, além de outros produtos diversos. As fazendas estão localizadas nos estados de Minas Gerais (7), São Paulo (2) e Ceará (2).



câmeras frias onde aguardam o transporte por meio de veículos terrestres até Fortaleza de onde são distribuídas para os mais diversos locais, entre eles a Europa.

Querendo analisar como se dá o trabalho das mulheres nesse ambiente destinado a um serviço especializado que é produzir flores e plantas ornamentais, surgem algumas curiosidades pertinentes à pesquisa tratando sobre as reais condições de trabalho das mulheres nesse setor e se estas recebem suporte necessário para o desempenho de suas atividades.

Nesse sentido, a utilização da história oral foi de grande importância por conceder a pesquisa às informações por parte de quem está dentro do setor e tem sua visão diferenciada no trabalho que exerce. As narrativas pessoais, ou seja, a subjetividade é essencial neste tipo de pesquisa, pois necessitamos ouvir diferentes pontos de vista sobre a produção de flores em São Benedito, não apenas dos grandes veículos de comunicação, mas das trabalhadoras dos locais, que são os principais atores durante a produção.

O TRABALHO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DE FLORES DO MUNICÍPIO DE SÃO BENEDITO E O USO DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

As mulheres empregadas (Imagem 3) na produção florística são responsáveis por montar as hastes de flores, os buquês e os arranjos florais. Essas mulheres têm meta de produzir cerca de seis mil hastes por dia chegando a ultrapassar esse número para cerca de oito a dez mil hastes de rosas diariamente.

Nesse processo, as mulheres são cobradas a cumprir suas metas com um trabalho que exige atenção e controle no processo, porém é preciso lembrar que, a maior parte destas que se responsabilizam pela seleção e embalagem das flores, não tiveram oportunidade de completar o ensino médio e passaram a depositar, nessa chance de trabalho, a única maneira de ganhar algum sustento para manter suas despesas domésticas e pessoais, e ajudar suas famílias.

Santos (2013), abordando sobre o trabalho no mundo atual, afirma que:

Sem dúvida, o trabalho, entendido como sistema, é cada vez menos local e é cada vez mais universal. Na medida, porém, em que a mais-valia igualmente se torna mundial (essa lei do valor à escala universal que, invisível, proíbe medidas) ocultam-se os parâmetros do meu próprio valor que, assim, se reduz. Aqui nos referimos ao valor-trabalho aplicado à produção mundializada, medido em termos de dinheiro. (Santos, 2013, p. 46)

Figura 3: Mulheres trabalhando na fábrica de flores da Reijers, São Benedito (CE)



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Na imagem acima, no dia em que realizamos a nossa visita à fazenda da Reijers em São Benedito, podemos observar como de dava o preparo das rosas. Como podemos observar, nesta etapa são apenas mulheres trabalhando na embalagem das flores (Imagem 4). Como já podemos observar anteriormente (imagem 1), a empresa trabalha com a produção de rosas em estufas, assim como também produz em campo, em algumas fazendas do Grupo.

Figura 4: Flores nas embalagens prontas para serem transportadas.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Para uma análise segura sobre a importância do trabalho e a visão das mulheres empregadas na empresa Reijers, recorre-se a entrevistas com duas funcionárias que



timidamente e de forma muito temerosa se dispuseram a responder as perguntas direcionadas ao seu modelo de trabalho que exige uma determinada técnica para que elas cumpram com as metas diárias impostas pela empresa. As entrevistadas⁴ dispostas a falar⁵ de suas vivências no ramo das flores se tratam de Viviane da Silva Bezerra, de 38 anos e Maria Rosani Araújo de 43 anos, ambas com alguns anos de serviços prestados à empresa.

O uso da metodologia de história oral permitiu ampliar nossa visão sobre os fatos pesquisados, onde o contato com as novas informações ditas e não ditas nos revela novos meios de sondagem na pesquisa.

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevista sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônica. Deste ponto de vista, o único problema colocado pelas fontes orais é aquele da verificação [...] (PORTELLI, 1997, p. 31).

Essa condição de explorar além do que as respostas questionadas revelam, nos propõe a lançar um olhar investigativo e atento às informações fornecidas durante a realização da pesquisa, uma vez que nem sempre os entrevistados se sentem dispostos a ficar seguros para narrar suas 'reais' realidades, bem como seus anseios e expectativas. Embora esses fatos citados ainda se dêem por insegurança ou medo por está inserido em uma sociedade rodeada de golpes e instabilidades, muitos temem que suas falas sejam má interpretadas por terceiros ou que isso tragam a estes problemas futuros, com isso revelam só parte de suas concepções.

Para Fortunato (2004) muitos dos fatos obtidos ou registrados em história oral não estão registrados em outros tipos de documentos consistindo assim na busca de fatos e afirmações através das narrativas. O que acaba sendo um problema real, pois durante nossas entrevistas, notou-se certo receio em falar sobre os pontos negativos, onde as entrevistas negaram-se a falar sobre alguma dificuldade no exercício do trabalho.

Em nossa pesquisa de campo foi possível entrevistar duas mulheres. A primeira entrevistada foi Viviane da Silva Bezerra que se identificou como classificadora na empresa. A classificação é o local que recebe as flores vindas da produção e estas são selecionadas para serem embaladas e enviadas para as câmeras frias que conservarão as rosas até a chegada dos veículos que as levará aos pontos de venda. Quando foi perguntado sobre o tempo na empresa,

⁴ As entrevistas foram realizadas durante uma visita à fazenda de produção de flores da Reijers. As entrevistadas autorizaram a reprodução de suas falas.

⁵ Preservamos suas falas originais, pois entendemos que, se fizessemos o contrário, não estaríamos utilizando a metodologia da história oral.



esta disse que trabalhava há treze anos na produção e que antes da vinda da empresa só tinha a agricultura como meio de vida para o sustento da família. A entrevistada viu nessa oportunidade a chance de mudar de vida e dar melhores oportunidades à família.

Já a segunda entrevistada Maria Rosani Araújo foi mais direta e categórica em suas respostas, afirmando que já fazia quatorze anos que estava na função de classificadora e que antes de chegar para trabalhar na produção de flores era doméstica.

Já trabalho aqui faz 13 anos e antes de trabalhar aqui eu só trabalhava na roça e em casa mesmo. (VIVIANE)

Também só era doméstica antes de vim trabalhar aqui nas flores. (MARIA ROSANI)

Para as duas entrevistadas o fato de ter um sustento familiar fora da dureza da roça é uma chance única e inquestionável de mudar suas vidas embora o trabalho na produção seja puxado por exigir regras e metas diárias. Quando questionadas sobre os pontos positivos e negativos a respeito do trabalho desenvolvido por ela na empresa, só mencionou os positivos que seria o fato de ter um emprego com carteira assinada e poder conhecer novas pessoas e obter novos conhecimentos.

Agora tem a oportunidade de ter a carteira assinada e ganhar um salário todo mês. Também o conhecimento de novas coisas e novas pessoas. (VIVIANE)

Trabalhar de carteira é muito bom e não tinha essa chance antes. Na roça não se tem salário (ROSANI)

Diante da dificuldade das entrevistadas de narrarem um pouco de suas vivências em relação ao trabalho durante nossa entrevista, percebemos o quanto elas estão limitadas a falar de suas funções na empresa, ambas não apontaram nenhum ponto negativo e nem mesmo falaram sobre a dura jornada de trabalho que o processo exige. Contudo não sabemos se é uma ordem direta dos responsáveis pela empresa, ou se é apenas uma desconfiança pessoal que o mundo globalizado e suas tendências são capazes de gerar na população que uma vez mais informada tem medo e desconfia de tudo e de todos.

Contudo as flores produzidas na empresa e compradas de pequenos investidores locais fazem girar uma renda considerável que não fica apenas no município que as produziu, mas alimenta um comércio de alto custo para os investidores. A mão de obra feminina é a grande responsável por colaborar e manter os fluxos das vendas mostrando assim a grande responsabilidade do trabalho dessas mulheres São beneditenses que não medem esforços para obter suas conquistas profissionais pessoais e manter a responsabilidade com suas famílias.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos mostrou uma nova perspectiva acerca da produção de flores e hortaliças na Serra da Ibiapaba e do atual modelo econômico dos grandes empresários do agronegócio em parcerias com o Estado, que tem sido o responsável por configurar sócio espacialmente das mais diversificadas maneiras os grandes e pequenos espaços produtivos do capital financeiro no município de São Benedito e na região da Serra da Ibiapaba como um todo, pois suas ações refletem na microrregião.

O uso da metodologia de história oral para a compreensão do papel feminino na produção de flores no município de São Benedito foi o elemento indispensável para um estudo e compreensão da realidade do objeto da pesquisa. Por meio dessa metodologia foi possível buscar uma proximidade com as entrevistadas, cujo resultado, não se pode dizer que foi totalmente alcançado devido às rápidas e curtas frases respondidas por elas, mas que nos deu umas primeiras expectativas quanto à temática pesquisada que revela que essas mulheres, são encarregadas por grande parte do processo das flores na empresa, tendo que cumprir metas de acordo com a demanda de vendas e cumprir horas extras para conseguir dar contas dos pedidos. Talvez, tenha sido esse o motivo pelo qual, estas não quiseram adentrar às nossas indagações.

Nas falas das mulheres entrevistadas, estas não quiseram entrar em detalhes sobre sua rotina de trabalho por receio, medo ou, talvez, por uma regra interna que não foi nos mencionada. No entanto, nos serviu para ter novas perspectivas a respeito das entrevistas como fazê-las e buscar novas maneiras para tentar uma aproximação dos sujeitos, para que estes narrem suas histórias de vida, sua subjetividade.

Portanto, fica proposta a utilização da história oral como uma metodologia capaz de nos auxiliar durante o processo de realização de nosso projeto dissertativo durante o Mestrado Acadêmico em Geografia. Novas perspectivas foram alcançadas, novos ensinamentos foram aprendidos e compreendidos para que, em um futuro próximo, colocarmos em prática o que foi colocado nesse artigo.

FONTES ORAIS

Entrevista com **Viviane da Silva Bezerra**, 38 anos, na empresa Reijers em São Benedito na data de 25/05/2018.



Entrevista com **Maria Rosani Araujo**, 43 anos na empresa Reijers, em São Benedito na data de 25/05/2018.

REFERÊNCIAS

CAMACHO, Rodrigo Simão. O Agronegócio Latifundiário Versus a Agricultura Camponesa: A luta política e pedagógica do campesinato. In: **XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Anais (Online) São Paulo: AGB/TL, 2009, p. 1-34.

COSTA, kassia Kiss Silva; SANTOS, Camila Dutra. **A reestruturação produtiva e produção de flores no planalto da Ibiapaba-Ce**. In: XXIII ENGA Encontro Nacional de Geografia Agrária. Sergipe, 09 a 13 de Dezembro de 2016.

FORTUNATO, Elisabete; RUSCHEINSKY Aloisio. **A história oral na pesquisa social sobre espaço urbano**. Biblos, Rio Grande, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 05 de maio, 2018.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil Básico Municipal de São Benedito**. 2017. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2017/Sao_Benedito.pdf Acesso em: 08/06/2018.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Caderno de pesquisa** v. 43, n. 149, P. 404 -441, Maio/ ago. 2013.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro vol. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista História, São Paulo, fevereiro 1997.



Rocha, Luzianny Borges; SAMPAIO, José Levi Furtado. A produção de flores no estado do Ceará em Baturité, Redenção e São Benedito. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza. V.8, p. 139-139, 01 jul. 2103.

ROSS, Djoni. **A disputa pelo território**: Agricultura Camponesa versus agronegócio nos assentamentos do Centro-Sul Paranaense. In: **XXI Jornada do Trabalho**. São Paulo: FCT/UNESP. 09 a 12 de outubro de 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões: O pensamento político Brasileiro**. 2ª ed. Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2013.

TERRA, Simone Braga; ZÜGE, Deise Patrícia Portela de Oliveira. Floricultura: a produção de flores como uma nova alternativa de emprego e renda para a comunidade de Bagé-RS. Revista **Conexão UEPG**, v.9, n. 2, Ponta Grossa jul./dez.de 2013.